



CATÓLICA
PORTO

EDUCAÇÃO E
PSICOLOGIA

**EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E
DESENVOLVIMENTO HUMANO**

ATAS DO
I SEMINÁRIO
INTERNACIONAL

VOL. II – COMUNICAÇÕES LIVRES

EDUCAÇÃO, TERRITÓRIOS E
DESENVOLVIMENTO HUMANO

ATAS DO
I SEMINÁRIO
INTERNACIONAL

VOL. II – COMUNICAÇÕES LIVRES

Porto

Universidade Católica Portuguesa
Faculdade de Educação e Psicologia

Ficha técnica

Título: Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano: Atas do I Seminário Internacional, Vol. II – Comunicações Livres

Organizadores: Joaquim Machado (coord.), Cristina Palmeirão, Ilídia Cabral, Isabel Baptista, Joaquim Azevedo, José Matias Alves, Maria do Céu Roldão

Autores: Adérito Barbosa, Adorinda Gonçalves, Alcina Martins, Alexandre Ventura, Almerinda Coutinho, Amelia Alberto, Amélia Simões Figueiredo, Ana Carita, Ana Certã, Ana Cristina Castedo, Ana Cristina Tavares, Ana Isabel Vigário, Ana Maria Calil, Ana Melo, Ana Mouta, Ana Paulino, Ana Pereira, Ana Santos, Andreia Gouveia, Andreia Vale, Angélica Cruz, Angelina Sanches, António Andrade, António Neto-Mendes, António Oliveira, Bruna Ribas, Cândido Miguel Francisco, Carla Alves, Carla Baptista, Carla Cibele Figueiredo, Carla Guerreiro, Carolina Gomes, Carolina Mendes, Cátia Carlos, Christiane Barbato, Cicera Lins, Clara Freire da Cruz, Clara Gomes, Cláudia Gomes, Cláudia Miranda, Conceição Leal da Costa, Cristiana Madureira, Cristina Bastos, Cristina Palmeirão, Cristina Pereira, Daniela Gonçalves, Diana Oliveira, Diogo Esteves, Diogo Esteves, Elisabete Pinto da Costa, Elvira Rodrigues, Elza Mesquita, Emilia Noormahomed, Eva M. Barreira Cerqueiras, Evangelina Bonifácio, Fernando Azevedo, Fernando Sousa, Filipa Araújo, Filipe Couto, Filipe Matos, Flávia Freire, Florbela Samagaio, Francisca Izabel Pereira Maciel, Giane Maria da Silva, Giovanna Costa, Graça Maria Pires, Helena Castro, Helena Correia, Henrique Gomes de Araújo, Ilda Freire, Ilídia Cabral, Isabel Cavas, Isabel Machado, Isabel Rabiães, Isabel Ramos, Isabel Santos, Isilda Monteiro, Joana Fernandes, Joana Isabel Leite, Joana Sousa, João Ferreira, João Formosinho, Joaquim Azevedo, Joaquim Machado, José Almeida, José Pedro Amorim, José Graça, José Matias Alves, José Pacheco, Juan Carlos Torrego Seijo, Laura Rego Agraso, Liliana Costa, Luís Castanheira, Luísa Moreira, Luísa Ribeiro Trigo, Luiz Filipe Machado, Macrina Fernandes, Magda M. R. Venancio, Mahomed Ibraimo, Márcia Leal, Margarida Quinta e Costa, Maria da Conceição Azevedo, Maria da Conceição Martins, Maria da Graça Ferreira da Costa Val, Maria de Lurdes Carvalho, Maria do Céu Roldão, Maria Helena Martinho, Maria Ivone Gaspar, Maria João de Carvalho, Maria José Rodrigues, Maria Lopes de Azevedo, Maria Lucimar Jacinto de Sousa, Marina Pinto, Marli Andre, Marta Garcia Tracana, Martins Vilanculos, Natália Costa, Nazaré Coimbra, Neusa Ambrosetti, Oscar Mofate, Paulo Carvalho, Paulo Gil, Raquel Mariño Fernández, Raul Manuel Tavares de Pina, Regina Coelli Gomes Nascimento, Renilton Cruz, Rosângela Gonçalves de Oliveira, Rosemar Lemos, Rui Amado, Rui Castro, Rui Cordeiro da Eira, Sandra Almeida, Sérgio Ferreira, Sílvia Amorim, Sofia Bergano, Sofia Oliveira Martins, Sónia Soares Lopes, Susana Gastal, Suzana Ribeiro, Teresa Guedes, Vitor Ribeiro, Vivian Assis, Vivianne Lopes, Zita Esteves

Design e Paginação: Departamento de Comunicação e Relações Públicas, Universidade Católica Portuguesa – Porto

Colaboração: Cristina Crava, Francisco Martins

ISBN: 978-989-99486-0-0

Editor: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Educação e Psicologia

Local e data: Porto, 2015

TUTORIAS – UM MODELO SOCIOPEDAGOGICO FLEXÍVEL PARA CRESCER COM SENTIDO*

SANDRA MÓNICA DIAS ALMEIDA¹ & CRISTINA PALMEIRÃO²

¹ Docente Agrupamento de Escolas de Pinheiro, doutoranda em Ciências da Educação, Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. Porto.

² Professora Auxiliar FEP-UCP; Membro Colaborador do Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano (CEDH); Consultora Científica e responsável pela coordenação do eixo do SAME – Programa TEIP, Zona Norte, <http://www.fep.porto.ucp.pt/same?msite=21>

A retenção, absentismo e abandono escolar é na nossa atualidade um fenómeno educativo e social de consideráveis dimensões. A este propósito, o Conselho Nacional de Educação, no seu último relatório técnico (2015), sustenta que a retenção leva à diminuição da autoestima, prejudica o processo de socialização, contribui para a alienação da escola e aumenta a probabilidade de abandono. Neste horizonte, as tutorias, enquanto medida de apoio sociopedagógico, assume particular relevo, em especial nos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP). As tutorias em contexto escolar surgem no continente americano e remontam aos anos sessenta do século passado (Baudrit, 2009). Em Portugal, as primeiras referências à tutoria surgem-nos após a publicação do decreto-lei nº 115A/98, de 4 de maio, que aprovou o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário. Da lei emerge a possibilidade de a escola “designar professores tutores, que acompanharão de modo especial, o processo educativo de um grupo de alunos” e assim, diligenciar o sucesso académico, a redução do abandono escolar e o incremento de uma comunicação tendente à cooperação entre a escola e a família (Ribeiro *et al*, 2012). Da revisão da literatura, os estudos evidenciam já o benefício das tutorias particularmente nos sujeitos que vivenciam situações e ambientes de risco.

Palavras-chave: Inclusão, tutoria(s), flexibilidade, aprendizagem

ABSTRACT

Retention, absenteeism and early school leaving is in today's world a phenomenon educational and social of considerable dimensions. In this regard, the National Council of Education, in its final technical report (2015), maintains that the retention leads to decreased self-esteem, affects the process of socialisation, contributes to the alienation of the school and increases the likelihood of abandonment. In this horizon, the tutorials / mentors, as a measure of pedagogical support, is of particular importance, especially in the Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP). The tutorials in the school context arise on the American continent and dating back to the 1960s of the last century (Baudrit, 2009). In Portugal, the first references to the mentoring appear after the publication of the decree-law no. 115-A/98, of 4

* Artigo baseado no Relatório Reflexivo apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Mestrado em Ciências da Educação - Especialização em Administração e Organização Escolar.

May, which adopted the scheme of autonomy, administration and management of public institutions of pre-school education and basic and secondary education. The law emerges from the possibility of the school “assign teachers tutors, who will follow in a special way, the educational process of a group of students” and thus, seek the academic success, the reduction of early school leaving and the increment of a communication aimed at cooperation between the school and the family (Ribeiro *et al.*, 2012). From the literature reviewed, the studies have shown the benefits of tutorials particularly in subjects who experience situations and risk environments.

Keywords: Inclusion, mentor(s), flexibility, learning

INTRODUÇÃO

O direito à educação gerou novas oportunidades e novos desafios que implicam o repensar da escola e das práticas educativas. A escola atual é uma escola que exige mudanças significativas e uma aprendizagem cooperativa. O sentido é gerar e desenvolver práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as diferenças individuais e articulem o individual com o global. “Todos e cada um somos feitos apenas de diferenças” (Bauman, 2005, 72) e, previsivelmente, com desejos e interesses desiguais.

A escola enquanto espaço de interação, de crescimento, de promoção pessoal e social é um espaço complexo e muito exigente. Um lugar cuja missão passa, necessariamente por promover o pleno desenvolvimento humano, onde a dedicação é um ingrediente-chave e, por isso, essencial no seu quotidiano. As escolas precisam (re)pensar os processos de cativar os alunos para aprender. António Bolivar (2012) explica que a chave para a melhoria do ensino reside no *ethos* da escola e na sua capacidade para se desenvolver como uma “comunidade aprendente” (Azevedo, 2011:274). Refletir, analisar, definir prioridades e campos de ação são os passos e os cuidados necessários para a melhoria das escolas. A escola, como argumenta Azevedo requer um plano gradual de melhoria (2011:275) e, nessa lógica de ação, diligenciar a qualidade da educação e o sucesso dos alunos.

Evidentemente, a melhoria e desempenho de uma escola resulta de uma liderança eficiente e transformadora (Alves:2011) e, nesse quadro, do esforço de todos. As escolas eficazes são as escolas que têm capacidade para inverter as situações de desfavorecimento em oportunidades de melhoria e de crescimento e, assim, iniciar programas de inovação pedagógica. A missão é fortalecer as atuais estruturas de apoio à melhoria das aprendizagens a fim de intervir precocemente nas situações-problema de absentismo, abandono e/ou de indisciplina. A metodologia é estruturada em ordem a uma relação pedagógica positiva, á aprendizagem cooperativa e ao pleno desenvolvimento humano.

1. NOVOS TEMPOS PARA A ESCOLA: EDUCAÇÃO PARA TODOS

A Escola ocupa um espaço social de máximo significado pois proporciona o estabelecimento de relações interpessoais com pares e hierarquias, onde a gestão de conflitos se constitui como uma condição para bem viver. O 25 de Abril de 1974 marca, em Portugal, o início de uma nova era. A escola de elites claudica a favor de uma escola para todos (LBSE, 1986). O princípio da educabilidade sustenta e fundamenta o novo paradigma educativo. Um desafio crescente quando o que está em causa é a inclusão e a possibilidade da construção de um mundo novo. A multiculturalidade abala as estruturas da escola do estado novo (Cortesão, 2009:13). Da nossa experiência ressalta que aprender e ensinar é hoje um ofício muito exigente. O esforço é constante! A qualidade e os índices de sucesso escolar carecem ainda de melhores resultados e do exercício contínua de nos avizinhar das metas europeias.

O Relatório do Conselho Nacional de Educação (2015), recentemente publicado, evidencia o quão crítico são as situações de “abandono precoce” e a necessidade, urgente e prioritária, de atuar de forma a descontinuar esta situação. Um trabalho complexo que demanda ações planeadas em ordem a identificar, caracterizar, compreender e agir no sentido de equacionar estratégias inovadoras e comprometidas para cativar os alunos para o processo de aprendizagem e para o valor da educação (p.30).

Efetivamente, a missão da escola é preparar as pessoas para a cooperação e para o desenvolvimento humano e social. O que está em causa, efetivamente é fazer aprender as pessoas e muni-las, como sustenta Roberto Carneiro (2001), com as melhores “ferramentas” para que de forma autónoma possam discernir, no sentido de se “ter consciência das suas fraquezas e das suas potencialidades” (Delors *et al.*, 1996:104). Na prática, a educação tem como propósito “ajudar a descobrir e a desenvolver os talentos” (Pires, 1991: 94) que existem em cada um de nós. A raiz do sucesso está em nós, importa por isso que a escola encontre medidas flexíveis e eficientes para despertar os alunos criar a aprendizagem. Pois, escreve Philippe Perrenoud (2000), “mais do que aprender, tratase de fazer aprender” (p. 139).

1.1 TUTORIA – O CAMINHO E UM RECURSO PEDAGÓGICO

Nos últimos anos assistimos à implementação de práticas tutoriais nas escolas portuguesas. O primeiro documento oficial está datado de 1993 (Despacho 178A/ME/93) e esclarece que o apoio pedagógico pode assumir diversas modalidades, entre elas, a *Tutoria*. Cinco anos depois, o Decreto-Lei nº 115-A/98 prevê a hipótese de se designarem professores tutores para acompanhar o processo educativo dos alunos (Artº 4). Medida regulamentada em 1999 (Decreto Regulamentar 10/99).

Progressivamente (e paulatinamente) aprofunda-se o âmbito e a natureza das ações/programas de tutoria. E em março de 2004, o Plano Nacional de Prevenção de Abandono Escolar, declara a função de *Professor Tutor* (PT) para o 1º e 2º ciclo, um professor que se especializa na identificação e no acompanhamento de crianças em risco. O Decreto-lei nº 75/2008 (Artº 44) legisla no sentido de ser a escola, por via do seu Regulamento Interno (RI), a definir as competências do PT. Neste desenvolvimento, o Despacho Normativo n.º 50/2005, entende o Programa de Tutoria para apoio a estratégias de estudo, orientação e aconselhamento do aluno (Artº 2). Mais recentemente, o Despacho Normativo 24-A/2012 e 13/2014 (seção VI, Artº 20º), estabelece as medidas de promoção do sucesso escolar no quadro da promoção do sucesso escolar.

E se é verdade, que as primeiras práticas tutoriais surgem associadas a projetos universitários¹, a tutoria enquanto relação individual de apoio nas escolas do ensino básico e secundário (Simão *et al.* 2008). A tutoria é, nas palavras de Álvarez e Bisquerra, (1996) um ação sistemática, específica, concretizada num tempo e num espaço em que o aluno recebe atenção especial, individualmente ou em grupo. O importante é, tal como preceitua Tomlinson e Allan (2002), desenvolver um plano que implique os alunos no seu próprio processo de desenvolvimento (p. 67). Ao tutor pede-se, como afirma (Zenhas,2001), que dê um acompanhamento mais atento, mais próximo, que defina prioridades e trabalhe de forma cooperativa e empática. A intenção é gerar ambientes disciplinados para aprender e “uma atenção especial” (Baudrit, 2009, 8) aos alunos que dela necessitem (Fernandéz, 2010). Neste contexto, a tutoria encerra em si uma finalidade prática e a intenção de trabalhar (progressivamente) competências para implicar (e ajudar) o aluno no processo de aprendizagem.

¹ Nomeadamente, GAPE da FPCE-UL para alunos estrangeiros - Programa Sócrates ERASMUS e para alunos do 1º ano - Programa Apoio a Novos Alunos (PANA), Project led-Education na Universidade do Minho (PLE), Sistema tutorial da Escola Superior de Setúbal (SISTESE). Ainda em ambiente universitário encontramos outros desenvolvidos pelo Instituto Superior Técnico (Conselho Pedagógico e Gabinete de Apoio ao Tutorado do IST, 2011), a Tutoria de Acompanhamento da Universidade de Évora (GPSA – Gabinete para a Promoção do Sucesso Académico - Universidade de Évora, 2009) e Tutoria por Pares na Universidade do Minho (GPA - Gabinete de Apoio ao Estudantes, 2010), na Universidade de Aveiro, o programa de Tutoria (UA). In Fernandes, 2013.

A primeira preocupação do programa e do tutor é identificar a causa-problema e perceber o que bloqueia o aluno para cumprir o “seu ofício” (Perrenoud, 1995, 14). A tutoria visa, assim, promover o encontro entre o aprendiz e a escola (Almeida, 2014). O sentido é influenciar o aluno por meio de uma aprendizagem cooperativa e, a partir dela, reconstruir significados para a escola e para o valor da educação (Savater, 2006). O objetivo é sempre o mesmo, potencializar o trabalho (individualizado ou em grupo) com o aluno, considerando as dificuldades de cada um na sua especificidade e particularidade. Neste sentido a tutoria é uma série de atividades que propiciam situações de aprendizagem e apoiam o desenvolvimento do processo acadêmico. Um processo interativo que apoia e orienta para o saber estar (Topping, 2000). A lógica é promover a “congruência cognitiva” (Baudrit, 2009, 26). Ou seja, promover uma intervenção em ordem ao desenvolvimento integral dos estudantes - intelectual e social (Simão, 2008). Uma proposta que valoriza o desenvolvimento, a autonomia, estimula a troca e a parceria no processo de aprender (Frison, 2009) e, assim “potencializar o projeto de vida daquele que acolhe” (Azevedo & Nascimento, 2007:4).

1.2 TUTORIA – VALORES E COMPROMISSOS

Estimular o desenvolvimento pessoal e social e, cumulativamente, a educação que promove o “*desenvolvimento da pessoa toda*” (Azevedo, 2011:134) é, nas palavras do autor, o grande desafio do nosso tempo. Claramente, as primeiras experiências de tutoriado pautam-se por práticas de “tutoria interpares”, e nessa perspectiva, concretizadas por estudantes “credenciados”, cuja missão era intervirem junto de colegas mais novos para evitar as situações de insucesso e de exclusão. O estado da arte sugere a existência de uma relação positiva de tutoria associada a uma melhoria nas relações com os outros. Estudos realizados por Cooper e colaboradores (2002) concluíram que existem benefícios sobretudo para aqueles que vivenciam situações e ambientes de risco. A tutoria é, segundo Lane *et al* (2011), uma prática que permite aprender e/ou aprimorar competências essenciais, em contexto escolar, por exemplo, ao nível da leitura, autoestima, atitude positiva. Efetivamente, escreve o mesmo autor, a tutoria ao serviço do desenvolvimento curricular é relevante, porquanto facilita o processo de aprendizagem ao privilegiar estratégias de ensino e de aprendizagem flexíveis e ecléticas, mormente no campo das técnicas e competências para o estudo; da compreensão e da eficácia de leitura; de competências relacionadas com a autonomia pessoal e com a construção da aprendizagem e ainda com o reforço de matérias não assimiladas (p.15).

A tutoria em contexto escolar é exigente e visa criar uma relação pedagógica interativa, entre o(s) aluno(s) e o professor tutor, de modo a que o aluno desenvolva as suas competências para “aprender a aprender” (Tutal, p. 15). Nesse desafio, o sucesso do programa de tutoria reside, segundo Rhodes (1994), citado por Santos (2012), na adequada nomeação e formação dos tutores. “Nem toda a tentativa de realizar um processo de tutoria é automaticamente eficaz em qualquer lado. Para o ser, a tutoria necessita de ser ponderada, bem estruturada e cuidadosamente monitorizada” (Topping, 2000, p. 3).

Com o tempo, complexificam-se as situações e as funções de tutoria passam a ser realizadas por docentes profissionalizados com experiência adequada e, de preferência, com formação especializada em orientação educativa ou em coordenação pedagógica (cf. Decreto Regulamentar nº 10/99, artº 10º, pontos 2 e 3). Ser tutor implica disponibilidade e sobretudo privilegiar uma ação educativa de carácter preventivo, de modo a contribuir para o desenvolvimento e sucesso escolar do aluno (Casanova, 2012). O importante é criar formas novas de pensar e de edificar o conhecimento a partir das histórias de vida de cada um (Nóvoa, 2014). O objetivo é facilitar a integração e formação pessoal (Arnaiz, 2001; Bisquerra Alsina) e, com este princípio, criar espaços privilegiados para aprender (Martín *et al*, 2008) e o caminho para que o(s) aluno(s) percebam o valor da escola e da educação no/para o seu projeto de vida (Hargreaves *et al*, 2001:85).

O desenvolvimento de um qualquer processo tutorial implica estruturar, de modo flexível, uma matriz de intervenção sociopedagógica em ordem a aspetos de natureza cognitiva, social e afetiva. Estudos recentes (e.g. Ribeiro, 2011; Santos, 2012; Semião, 2009), evidenciam que a medida “Tutoria” assume um importante contributo no combate ao abandono e absentismo escolar, insucesso escolar e indisciplina. E, paralelamente, ativam práticas colaborativas e o envolvimento familiar na vida da escola (Ribeiro, 2011). Sendo que o tutor assume um papel preponderante ao nível da relação pedagógica e do estimular a aprendizagem. (Semião, 2009).

Recentemente, Santos (2012) num estudo sobre tutoria centrada nos processos de aprendizagem e na promoção dos processos de autorregulação em alunos do 3º ciclo do ensino básico, desenvolvido em duas escolas, demonstrou que relativamente às estratégias de auto regulação, auto eficácia e instrumentalidade, os resultados revelam “eficácia da intervenção” (pp.195-196) e promovem “os processos de auto regulação” (idem). Também Abreu (2009), numa comunicação alusiva ao estudo exploratório sobre um Programa de Tutoria de apoio a alunos em situação de risco – desenvolvimento das competências de aprendizagem, sociais e comportamentais – admite uma melhoria de interesse e desempenho escolar (p. 1).

Daqui ressalta que, tal como refere Borgobello (2009), qualquer que seja o modelo de tutoria adotado o mais relevante é o modo de implicar e gerar o compromisso. Naturalmente, o diálogo e a participação constroem a relação, a confiança e geram a situação para aprender a aprender e assim, aprender a ser. A chave de/para o sucesso transporta a exigência e flexibilização, pois só pela regulação flexível entre as exigências da instituição e a heterogeneidade dos estudantes é possível criar o ambiente propício à aprendizagem (Baudrit, 2009, p. 134).

2. CRESCER COM SENTIDO – UM PROGRAMA DE TUTORIA

Crescer com Sentido, é um projeto que emerge como medida perfilhada pela lei e, no caso, estruturado em ordem a ações sociopedagógicas flexíveis e desafiadoras de reflexão. A ideia é, tal como defende Carlinda Leite (1996), estruturar uma resposta

“curricularmente inteligente” e, assim, promover uma educação de qualidade para todos. Para chegar a todos é preciso repensar a escola e sobretudo matricular que a educação é um bem precioso e que todas as pessoas têm condições para aprender (Azevedo, 2011). De resto um direito consagrado na Lei de Bases do Sistema Educativo, plasmado no Estatuto do Aluno e Ética Escolar (Lei nº 51/2012 de 5 de setembro) e no próprio Regulamento da maioria dos nossos estabelecimentos de Ensino. No presente, todo o aluno tem direito a:

Usufruir do ensino e de uma educação de qualidade de acordo com o previsto na lei, em condições de efetiva igualdade de oportunidades no acesso e beneficiar de outros apoios específicos, adequados às suas necessidades escolares ou à sua aprendizagem (Estatuto do Aluno e Ética Escolar, Artº 7º).

O acompanhamento tutorial aos estudantes concretiza-se mediante uma intenção pedagógica e uma atenção cuidada que segue uma orientação sistemática, feita a partir de um programa, surgido de um diagnóstico sobre a problemática a atender. A tutoria, enquanto estratégia, faz parte da educação integral e é um direito dos alunos (Guzmán, 2011). A tutoria em contexto escolar (universitário ou outros) pode constituir-se como um importante fator protetor face a jovens com dificuldades desenvolvimentais, expressas quer em comportamentos, quer em dificuldades de aprendizagem. Assim desenvolver confiança, diversificar experiências positivas, reforçar a autoestima e autoconfiança (Cf. Programa Tatal, p.25).

A construção de pontes exige alguém para colocar a primeira tábua. As escolas são muitas vezes estruturadas em torno da noção de que a criança deveria colocar a primeira, a segunda e praticamente todas as tábuas. Ora isso é um revés para muitos jovens. Parece-me suficientemente claro que o professor tem de ser o arquiteto e o empreiteiro que constrói a ponte. Ele deve conhecer a criança para saber onde colocar a primeira tábua. Ele deve também conhecer o mundo, saber com segurança para onde é que a ponte se deve dirigir e confiar em que ele e os seus alunos, em conjunto, conseguem lá chegar (Ayer (1993) citado por Tomlinson et allan, 2002:202).

Os objetivos da tutoria em meio escolar passam pela promoção do sucesso académico, a redução do abandono escolar e o incremento de uma comunicação tendente à cooperação entre a escola e a família, onde o professor tutor terá um papel importante ao ajudar na diminuição dos fatores de risco dos alunos e no incremento de fatores de proteção, nos domínios da aprendizagem e das condutas, social e pessoal (Ribeiro *et al.*, 2012).

Evidentemente, “o desenvolvimento da pessoa é a essência da missão do tutor e do processo de tutoria” (Azevedo e Nascimento, 2007:100). As escolas cuja organização inclua no seu Projeto Educativo um comprometimento com uma orientação intercultural constituem contextos privilegiados para o sucesso. Pese embora, é fulcral que a ação do professor, individual e coletivamente, tenha consciência do seu poder para operar mudanças. Diferenciar e elevar a qualidade é o exercício necessário para “valorizar o aluno e os processos adequados de promover o seu desenvolvimento harmoniosos e a sua aprendizagem” (Roldão, 1999:74). Com efeito, cabe ao professor construir com as suas didáticas e práticas, um conhecimento plural, gerador de crescimento e desenvolvimento humano. O desenvolvimento humano tem na sua génese evoluir no tempo e o alargamento das possibilidades de escolha. Nesse pressuposto, a educação deve ser um dos elementos constitutivos desse desenvolvimento (Delors *et al.*, 1997:72).

Em termos operativos, o processo de “educação autêntica” (Azevedo, 2011:134) implica, pela ação do professor, “despertar a curiosidade das crianças, desenvolver o seu sentido de observação” (Delors *et al.*, 1997:73) e iniciá-las na “aventura do conhecimento”. E, assim, desenvolver expectativas positivas e adequadas a todos e cada um dos alunos, afastando o efeito de preconceitos e/ou estereótipos; gerar atitudes positivas e reflexivas acerca das práticas pedagógicas; adequação do ambiente global da escola face à diversidade dos alunos e proporcionar a todos os alunos igualdade de oportunidades no acesso aos conhecimentos.

O professor tutor é eleito entre os professores da turma e com o aval do diretor de turma. Ao professor tutor cabe a função de assegurar a eficiência do processo e a eficácia da aprendizagem (Ribeiro, 2012:168). Contudo, segundo a mesma autora, o papel do tutor não se limita à promoção da aprendizagem, mas salienta-se também pela função de integração do aluno na escola e na sociedade. Daqui decorre a necessidade de um tutor acompanhar o aluno ao longo de vários anos, favorecendo uma relação de proximidade, de alguém que ensina, orienta, monitoriza, está atento às situações problema.

Diz Laursen e Birmingham (2003, citado em Tatal), que a relação entre tutor e tutorando deve assentar em determinadas características, nomeadamente a atenção, credibilidade, empatia, disponibilidade, respeito, confirmação e virtude. Ser tutor é, nas palavras de Azevedo e Nascimento (2007), ser “capaz de potenciar o projeto e sentido de vida daqueles que acolhe, contribuindo para que todas as potencialidades sejam despertadas e estimuladas” (p.100). E, desse modo, o professor tutor deve saber orientar o aluno quando este apresenta dificuldades nas tarefas escolares, quando apresenta problemas emocionais, psicológicos ou familiares, quando padece de uma depressão ou problemas similares que podem interferir no funcionamento mental e que impedem o aluno de se concentrar, o que põe em risco o seu desempenho escolar (Guzmán, 2011).

2.1 OS EFEITOS DA (NOSSA) TUTORIA

O Projeto “Tutorias - **crescer com sentido**”², advém da necessidade de implementar um processo de natureza tutorial e originou o diálogo e a articulação entre o preceito na lei, a missão da escola e a plasticidade das dinâmicas instituídas, em especial, num estabelecimento de ensino particular e cooperativo. O projeto tutorial, cresce e desenvolve-se como um recurso ao serviço do Conselho de Turma (CT), enquanto dispositivo pedagógico especialmente orientado para alunos em risco. Isto porque, era o CT que pelas suas competências identificação das situações-problema (e.g. faltas, resultados escolares, comportamentos disruptivos). Facilitar a inclusão, promover o sucesso escolar e educativo, reduzir o risco de abandono escolar precoce, promover a autonomia no estudo, são o mote que anima toda a ação e cuja meta é, sem dúvida, fomentar a autoconfiança, a autonomia e a realização pessoal dos alunos (cf. Projeto Tutorias – Crescer com sentido, 2012). Em termos estruturais, o projeto tinha como intenção acolher os alunos referenciados pelo professor e/ou Conselho de Turma. Idealmente, o professor-tutor acolhia e trabalhava, no máximo com cinco alunos, como veio a acontecer num primeiro momento (Quadro 1).

Quadro 1

Nº alunos encaminhados para tutoria	Nº Alunos que obtiveram Sucesso Educativo	Alunos que permaneceram em processo tutorial no ano letivo seguinte
5	4	5

Fonte: Atas da Coordenação, 2012-13

A implementação do projeto implicava um trabalho de articulação entre o diretor de turma, o professor tutor e o encarregado de educação. O objetivo era delinear um plano de intervenção individual (Quadro 2).

Quadro 2: Plano de Acompanhamento Tutorial

Ação/ Eixo	Tarefa	Tempo	Domínio
1	- Orientação disciplinar e comportamental - Orientação e acompanhamento no estudo e nas tarefas escolares	1x45'	Pessoal
1	- Acompanhamento do trabalho do aluno, no sentido de o orientar na aquisição de hábitos de utilização correta do caderno diário e do manual escolar - Incentivo e controlo do trabalho de casa; realização de exercícios diferenciados de consolidação dos conteúdos	2x45'	Organizacional
2	- Realização de exercícios de promoção do desenvolvimento da atenção/concentração e da capacidade de memorização - Acompanhamento do trabalho do aluno, no sentido de o orientar na aquisição de hábitos de utilização correta do caderno diário e do manual escolar	3x45'	Aprendizagens
3	- Promoção de situações de ensino individual - Elaboração de materiais específicos de ajuda na superação das dificuldades. - Apoio e integração na turma e na escola	2x45'	Comportamental

Fonte: Adaptado, Plano de Ação Tutoria (Alunos – Professor-Tutor A)

² Assim designado para esta reflexão.

No final, a avaliação foi positiva e traduziu-se em melhorias, disso nos dá conta os resultados finais, em pauta – dos cinco alunos em regime de tutoriado quatro foram aprovados. Também os inquéritos de avaliação aplicados aos alunos e os testemunhos de professores e alunos revelam as mais valias desta medida e da relação “exigente e preocupada” (Aluno C), quer em relação à “ajuda nos T.P.C” (Aluno A), quer no domínio da preparação para os testes. Para além disso, o professor tutor “é simpático e divertido” (Aluno B).

Evidentemente, o apoio em regime de tutoria vai muito para além da resolução dos trabalhos de casa. O professor-tutor tem como missão “levar” o aluno a compreender e assumir o controlo dos processos de aprendizagem. “A tutoria é um projeto para ajudar os alunos a refletir sobre as suas notas” (Aluno F) e “levar-nos” a aprender” (Aluno D). Uma exigência e um compromisso reconhecido pelos alunos e pelos professores em geral. Falar de tutoria é, nas palavras de um dos alunos, falar de “um processo em que os professores nos ajudam, tratam dos problemas escolares” (Aluno E). A diferença está na “maneira como fala e age” (Aluno E) e, ainda, pelo facto de com ele “podemos desabafar aquilo que não podemos dizer a mais nenhum professor” (Aluno E).

Na realidade, escreve Semião (2009), o tutor é um profissional que oferece um reportório de estratégias de aprendizagem, é aquele que apoia e facilita a reflexão do aluno sobre si próprio como aprendiz e sobre a sua própria aprendizagem. Nesse sentido, o modelo de tutoria por perfilhamos é o modelo que pensa e considera a diversidade e as características pessoais.

A aplicação da tutoria, enquanto medida de apoio socioeducativo, contribui para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem e para a igualdade (Ramos, 2008:109) e, por isso, é “um processo de ajuda a um indivíduo, visando que o mesmo obtenha o conhecimento suficiente de si mesmo e do mundo que o rodeia, para que seja capaz de resolver os problemas que lhe vão surgindo ao longo da vida” (idem). A mudança é possível. Mais ainda se se aliam sinergias endógenas e exógenas, como são as geradas por via da tutoria.

A proximidade com os alunos despertou em nós a vontade para saber mais e procurar medidas capazes de motivar os alunos. Naturalmente, não foi um processo isento de dificuldades, a falta de experiência em tutorado e as dificuldades em conciliar as diferentes funções exercidas na escola: professora, coordenadora, tutora, desafiaram, muitas vezes, a nossa ação.

Refletindo sobre as práticas concordámos com Simão e Flores (2008), quando referem que ser Tutor implica: saber ser e saber fazer. Ter conhecimento prévio sobre tutorias, estar motivado, disponível, saber comunicar, ser flexível, perseverante, paciente, mas também saber escutar, identificar necessidades, gerir conflitos. O professor tutor é hoje uma peça chave na/para a relação professor-aluno. É ele que através do diálogo se revela facilitador do desenvolvimento pessoal e social (Baudrit, 2009).

Mais do que responder a carências, mais do que corrigir ou punir faltas, trata-se de procurar ajudar a despertar o desejo, essa fome de invisível donde emerge a força para enfrentar os problemas e abrir vias de emancipação nos itinerários de vida (Baptista, 2007).

2.2 PROJEÇÃO DO CONHECIMENTO ADQUIRIDO ATRAVÉS DA REFLEXÃO

A escola para todos, promotora da equidade, implica, como argumenta David Rodrigues (2013) medidas diferenciadas, um modelo de atuação que permita a efetiva interação entre todos os participantes no processo educativo. A reflexão efetuada permitiu-nos perceber o quão é importante estarmos comprometidos com a escola e olhar a escola enquanto uma organização que aprende e chave para a melhoria das sociedades. Enquanto professores temos o grato privilégio de ajudar a lapidar o diamante

que é cada aluno tem em si. Para tal, é necessário que cada professor assuma o compromisso da melhoria, pois o compromisso é o preditor essencial do seu desempenho e da qualidade da educação (Bolivar, 2012: 242). Nesse compromisso a ação do professor inscreve-se num universo que busca permanentemente novos conhecimentos para saber e agir em conformidade com o cuidado que cada aluno merece, sempre com o objetivo de prover o pleno desenvolvimento da pessoa do aluno.

Ser professor é, tal como já referimos, uma aprendizagem contínua e um desafio constante e, assim sendo, tem que assumir-se como um profissional crítico e criativo, capaz de tomar decisões, capaz de questionar as suas práticas, capaz de refletir sobre as decisões tomadas. Autores como António Nóvoa (1991, 2009), Huberman (1992) Dewey (2007), Schön (1992,1997), Isabel Alarcão (1996), Isabel Baptista (2007) e Maria do Céu Roldão (2007), permitiu-nos compreender a importância do exercício de refletir sobre a nossa própria ação.

Ser professor reflexivo é estar *comprometido com a educação* (Azevedo, 2012: 305), é “comprometer-se com a educação como um bem público e com uma responsabilidade pública” (idem). O processo de melhoria da escola pressupõe a recolha sistemática de dados e a sua análise que deverá culminar em ações de melhoria. Não podíamos esperar por uma melhoria apenas a partir das exigências externas, mas por em prática estratégias que permitissem alcançar a missão da escola, que o sucesso dos alunos, pois só quando a escola se transforma numa unidade básica de mudança e de inovação, esta influenciará sem dúvida a aprendizagem dos alunos (Bolivar, 2012:127). É mesmo preciso transformar a escola numa comunidade de aprendizagem profissional, o que implica, como afirma Bolivar (2012: 128) conceber a escola como uma tarefa coletiva, um lugar onde se analisa, discute, reflete sobre o que está a acontecer e onde se quer chegar.

A escola para todos implica um referencial estruturado em ordem a princípios de equidade e de solidariedade. Inspirada por Matias Alves (2011), postulamos os princípios que informam o regime de tutoria que julgamos geradores de transformação nas nossas escolas. A saber:

- 1º Acreditar – acreditar que a mudança é possível, que todo o aluno aprende e que se pode desenvolver. Acreditar que o tutorando é capaz de crescer, de aprender a ser, de se transformar.
- 2º Escutar – Sem escuta não há compreensão do outro, não há proximidade. Assim, cabe ao tutor desenvolver uma pedagogia de proximidade. Saber ouvir para levar o aluno à aprendizagem.
- 3º Aproximar - Entrar no mundo do aluno, ter laços sociais com a comunidade. A proximidade é a base da pedagogia. Educar é estar próximo, (re)conhecer dificuldades, integrar, corrigir e conduzir à aprendizagem.
- 4º Confiar - Confiar nas potencialidades dos jovens e na transformação do seu Eu. Ser capaz de gerar confiança, de compreender, de desenvolver a criatividade e o espírito crítico dos tutorados.
- 5º Diferenciar – Diferenciar as estratégias de ensino, centradas no aluno e na sua aprendizagem que lhe permitam desenvolver o processamento estratégico, resolver problemas, monitorizar a compreensão e a aprendizagem. Desenvolver no aluno estratégias cognitivas, metacognitivas, motivacionais e comportamentais. Desenvolver habilidades e valores que contribuam para um crescimento são e equilibrado.
- 6º Colaborar – porque o professor não é o agente único nesta metodologia. O professor Tutor precisa de estabelecer as pontes, as parcerias com os diversos agentes educativos. Colaborar com os professores da turma, com o diretor de turma, com o psicólogo, com o assistente social, entre outros e com a família. Uma intervenção eficaz implica a adesão de todos os intervenientes em prol do aluno.
- 7º Valorizar – valorizar pequenos progressos, gestos, vitórias que favoreçam a autoestima, o autoconceito. Valorizar para motivar para aprendizagem e para a melhoria comportamental.

E se cada aluno é importante (Robert, 2010:5) é, igualmente importante, ativar as relações Professor-Tutor e aluno e o fundamento é sempre o respeito mútuo e o ritmo da aprendizagem de cada um. Pois como afirma Roberto Carneiro (2001) vencer o nomismo cultural, apresenta-se como prioridade educativa incontornável, e, em concomitância, lançar os pilares de uma genuína e duradoura Educação Intercultural para todos (p. 70). Uma escola com consciência intercultural – ou de personalidade cósmica – significa realizar a vontade indómita de descobrir o outro, cultivar o fascínio perante o diferente (p.71)

Da experiência narrada e agora refletida sentimos a necessidade de melhorar procedimentos, de construir e melhorar instrumentos de monitorização e avaliação que nos permita identificar as limitações que qualquer experiência de tutoria apresenta e trabalhar rumo ao presente/futuro. Assim a escola deve institucionalizar processos e equipas internas de autoavaliação, criar processos de inovação e melhoria (Bolivar, 2012: 274). Recolher a informação, interpretá-la, analisá-la para a utilizar de um modo consciente na tomada de decisões. Os dados recolhidos devem ser transformados em informação e posteriormente em conhecimento e, por último, em ações construtiva (p.257). Analisar e avaliar a forma como a missão educativa da escola, ou parte da mesma, está a ser realizada, com o objetivo de ir reajustando ao contexto, fundamentar tomadas de decisão e prestação de contas à sociedade, (p. 280).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade a procura do sucesso educativo para todos conduziu as escolas a centrarem o seu foco de desenvolvimento nos processos de ensino e de aprendizagem. As escolas passam a analisar com maior cuidado as suas práticas e a (re)pensarem os seus projetos educativos em prol do sucesso educativo dos jovens. Esta preocupação com a melhoria das escolas, e portanto, pelo sucesso dos alunos, tem conduzido à implementação de estratégias diversificadas, que passam pela constituição de grupos de homogeneidade temporária, visível em projetos como o Fénix, projetos de maior apoio às aprendizagens escolares como nas assessorias pedagógicas dentro ou fora da sala de aula, mas também à busca de respostas para a crescente heterogeneidade, multiculturalidade que caracteriza as nossas escolas.

Os resultados em relação ao valor acrescentado dos planos de tutoria são promissores! Como vimos estudos há que reiteram a eficiência desta medida de apoio sociopedagógico e do saldo positivo que justificam e fundamentam a sua implementação em todos os contextos escolares (cf. Simões, 2011).

O *princípio* tutorial é desenvolver a possibilidade de atitudes e disposições íntegras e o ajustar continuamente as ações pedagogicamente relevantes (Delquadri, Greenwood, Stretton & Hall (1983) citados por Baudrit (2009). Uma opção estratégica de compromisso epistemológico, ético, social e pedagógico relativo ao desenvolvimento do projeto de vida da pessoa (Azevedo & Nascimento, 2007).

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, M. (2009). Programas de Tutoria. Fator de proteção de resiliência nos adolescentes. In *repositorio.ucp.pt/.../com-inter_2009_FEP_325307008_Abreu_Mariana*, 20/05/2015
- Alves, J. (2011). A Escola e a Caixa de mil Espelhos. <http://terrear.blogspot.pt/2011/05/escola-e-caixa-de-mil-espelhos.html>, 15/04/2012
- Álvarez González, M y Bisquerra Alzina (1997). Los modelos de orientación e intervención psicopedagógica, en AIDIPE (comp.) (22-25): *Atas del VIII congreso nacional de Modelos de Investigación Educativa*, Sevilla, Universidade de Sevilla.
- Álvarez, M. e Bisquerra, A, (1996). *Manual de Orientación y Tutoría*. Barcelona: Praxis.

- Arnaiz, P. e Isus S. (1995). *La Tutoría, Organización y Tareas*. Barcelona: Editorial Grado, D.L.
- Azevedo, J. (2011). *Liberdade e Política Pública de Educação – Ensaio sobre um novo Compromisso social pela Educação*. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Azevedo, J. (2006). *Avaliação de Escolas – Programa Aves*. Gaia: Fundação Manuel Leão
- Azevedo, N. e Nascimento, A. (2007). Modelo de Tutoria: Construção Dialógica de Sentido(s): Revista *Interacções*. nº7, em <http://www.eses.pt/interaccoes>, 10/03/2013
- Barnier, G. (2001). *Le tutorat dans l'enseignement et la formation*. Paris: L'Harmattan.
- Baudrit, A. (2009). *A Tutoria. Riqueza de um Método Pedagógico*. Porto: Porto Editora.
- Baudrit, A. (2009a). A Tutoria em Diferentes Domínios: Situação Actual e Pistas Possíveis a Explorar. In Ana Simão, Ana Caetano e Isabel Freire (org.). *Tutoria e Mediação em Educação*. Lisboa: Educa e Autores.
- Baptista, M. (2011). O Professor – Tutor: Perfil e Funções in *Poesis*, v. 4, n. 7, p. 145155, Jan./Jun. 2011.
- Baptista, I. (2002). A Escola como lugar de hospitalidade. A Página da Educação. N.º 112, Ano 11, página n.º 6. <http://www.apagina.pt>, 13/07/2013
- Baptista, I. (2007). Entre «manchas negras» e «sombras brancas», a força do desejo. Revista a página . <http://www.apagina.pt>, 20/04/2013
- Bolívar, A. (2003). *Como melhorar as Escolas – Estratégias e dinâmicas de melhoria das práticas educativas*. Porto: Edições Asa
- Bolívar, A. (2012). *Melhorar os processos e os resultados Educativos – o que nos ensina a investigação*. Gaia: Fundação Manuel Leão
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experiencias naturais e planeadas*. Porto Alegre, artes médicas.
- Brooks, G. et al. (1998). What works for slow readers? Effectiveness of early intervention schemes. Slought, UK, National Foundation for Educational Research.
- Brooks, V. e Sikes, P. (1997). *The good mentor guide: initial teacher education in secondary schools*. Buckingham: open university Press.
- Casanova, M. (2012). O Papel da Tutoria ao Serviço do Desenvolvimento Curricular. Comunicação apresentada no dia 2 de Fevereiro de 2012, no XIX Congresso da AFIRSE “Revisitar os Estudos Curriculares: Onde Estamos e para Onde Vamos?”. Lisboa: EDUCA/Secção Portuguesa da AFIRSE.
- Cooper, Erick (2002). Eficácia dos programas de Tutoria para os jovens: uma revisão meta analítica in *Jornal Americano de Psicologia Comunitária*, vol 30, nº 2 abril de 2002.
- Borgobello, A. e Peralata, N. (2008). Las funciones tutoriales en la Universidad: la percepción de los estudiantes de tres cátedras en la Universidad Nacional de Rosariode Argentina. *Estudios sobre Educación*, 2008, 17, 145-170
- Carneiro, R. (2003). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*. Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Cortesão, L. (2009). Cidadania(s) em sociedades multiculturais: (in)possibilidades para a educação? In Sanches, Maria de Fátima Chorão (org.). *A Escola como espaço social*. Porto:Porto Editora.
- Delors, J. et al. (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação*. Porto: Edições Asa.
- Fernandes, J. (2013). Programa de Tutoria da Universidade de Aveiro. Relatório de Projeto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Administração e Gestão Pública.
- Frison, L. e Simão, A. (2009). Acção Tutorial em Contexto de Trabalho e AutoRegulação da Aprendizagem. In Simão, Ana Margarida, Caetano, Ana Paula e Freire, Isabel. *Tutoria e Mediação em Educação*. Lisboa: Educa e Autores
- Guzmán, E. (2011). La escuela y la tutoría a los alumnos. In Revista *Educ@rnos*, Año 1, No. 1, Abril-Junio 2011. pp.87-106.

- Hargreaves, A.; Earl, L. e Ryan, J. (2001). *Educação para a Mudança. Reinventar a escola para os jovens adolescentes*. Porto: Porto Editora.
- Leite, C. (2003). *Para uma escola curricularmente inteligente*. Porto: Edições ASA.
- Miguel, R.; Rijo, D. e Lima, L. (2012). “Fatores de Risco para o Insucesso Escolar: A Relevância das Variáveis Psicológicas e Comportamentos do Aluno”, in *Revista portuguesa de pedagogia*.
- Nóvoa, A. (2014). Educação 2021: *Para uma história do futuro. Educação, Sociedade e Culturas*, nº41: 171-182
- Perrenoud, Ph. (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora
- Pires, E.; Fernandes, A. e Formosinho, J. (1991). *A Construção Social da Educação Escolar*. Porto: Edições Asa.
- Ribeiro, M. (2011). *Refletir a (In)Disciplina, o absentismo, o abandono e o (In)Sucesso escolar*. Trabalho de projeto para obtenção do grau de mestre em ciências da Educação. Porto: Escola Superior de Educação Paula Frassinetti
- Roldão, M. (2007). *Cadernos de Gestão e Organização Educacional – A turma como Unidade de Análise*. Évora: CIEP
- Savater, F. (2006). *O valor de educar*. Lisboa: Dom Quixote
- Santos, L. (2012). *Tutoria centrada na promoção de auto-regulação em alunos do 3º ciclo do Ensino Básico*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho. Instituto de educação. Consultada em dezembro de 2014.
- Semião, F. (2009). *Tutoria: uma forma flexível de ensino e aprendizagem*. Dissertação de Mestrado, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal. Consultada em Setembro de 2014 em <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/457/1/DissertMestradoFilomenaSemiao.pdf>
- Simão, A.; Flores, M.; Fernandes, S. e Figueira, C. (2008). Tutoria no ensino superior: concepções e práticas. Sísifo. *Revista de Ciências da Educação*, 07, pp. 75-88. Consultado em [agosto, 2013] em <http://sisifo.fpce.ul.pt>
- Simões, F.; Açores, C. e Alarcão, M. (2008). Crescer, entre a Escola e a Família. O Papel do professor Tutor na Promoção do Percorso Formativo de Jovens alunos In *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. INFAD, ano XX, número 1(2008) volume 2. pp: 439-448
- Simões, F. & Alarcão, M. (2011). A promoção da autonomia no contexto da tutoria escolar: resultados de um estudo qualitativo. in *International Conference On New Horizons In Education, 2011, [online], 12/06/2013*
- Tomlinson, C. e Allan, S. (2002). *Liderar projectos de diferenciação pedagógica* Porto: Edições ASA
- Topping, K. (2000). *Tutoria*. Bruxelas: Unesco - Departamento Internacional de Educação. In www.ibe.unesco.org/publications/EducationalPracticesSeriesPdf/prac05pt.pdf (acedido em janeiro de 2015).
- Total – metodologia de intervenção co alunos e alunas promovida por professores tutores: Tutoria em meio escolar. <http://www.dge.mec.pt/teip/index.php?s=directorio&pid=30>, 12/03/2013
- Zenhas, A. (2010). *Professor Tutor: que funções e Objectivos?*. Consultado em Janeiro, 2013, em www.educare.pt/educare/Opiniao.Artigo.aspx?contentid=103762311B483A1FE0440003BA2C8E70&channelid=0&schemaid=&opsel=2.
- Decreto-Lei nº115A/98 de 4 de Maio. Diário da República, nº102– I Série. Ministério da Educação
- Decreto Regulamentar nº10/99 de 21 de Julho. Diário da República, nº168–I Série. Ministério da Educação
- Despacho Normativo nº 50/2005 de 9 de Novembro. Diário da República, nº215–I Série. Ministério da Educação.
- Decreto-Lei nº 75/2008 de 22 de Abril. Diário da República, nº79–I Série. Ministério da Educação.
- Despacho Normativo 24-A/2012, de 6 de dezembro. Diário da República, 2.ª série — N.º 236. Ministério da Educação e Ciência.
- Despacho Normativo 13/2014, de 15 de setembro. Diário da República, 2.ª série — N.º 236. Ministério da Educação e Ciência.